

## EDITORIAL

*“Se desapegue de situações que não lhe trazem a felicidade, viva uma vida espiritualmente livre. Prof. Robson Carvalho”*

A Revista Quare é o Periódico Científico da Faculdade Jardins, para publicação da produção científica oriunda dos Cursos de Graduação e de Pós-Graduação da IES, bem como, de autores externos. O título em latim “¿Quare?” significa “Porque?”, contemplando a eterna busca humana de respostas a todas as suas indagações!

A Revista Quare nasce dentro de um contexto de grandes transformações nas instituições modernas. A Revolução Tecnológica da Informação elevou de forma exponencial os processos globais, colocando em xeque as estruturas dos Estados nacionais, as identidades culturais, os valores morais, os sistemas religiosos, as economias nacionais etc. Com isso, se faz cada vez mais necessário compreender a complexidade reinante no interior do atual sistema-mundo em mudança a partir de análises mais detalhadas e específicas dos fenômenos sociais e físicos que surgem dentro desses processos.

Essa edição, de cunho multidisciplinar – voltada para a Ciências Humanas através da Psicologia Social – apresenta investigações, sobre o comportamento humano e as relações interpessoais, com o objetivo científico de evidenciar os indivíduos e seu cotidiano, seja na sua vida acadêmica, profissional, pessoal e espiritual.

Assim apresentamos a seguir, três trabalhos de pesquisas realizados pelo docente Coordenador do curso de Administração da Faculdade Jardins, Prof. Robson Carvalho. As temáticas abordadas foram realizadas através de investigações dentro do campo psicológico social do indivíduo.

**Comissão Editorial**

Professor Valmir Martins

Professora Alaíde Barbosa Martins

Professor Robson Carvalho de Menezes

Professor Demerson Tavares

## SUMÁRIO

PSICOLOGIA SOCIAL E COMPORTAMENTO HUMANO NAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS.....	4
Robson Carvalho de MENEZES	
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E OS DIFERENTES SABERES DO COTIDIANO POPULAR E DO SENSO COMUM.....	22
Robson Carvalho de MENEZES	
A IMPORTÂNCIA DA PSICOLOGIA EDUCACIONAL NO APRENDIZADO EM CURSOS SUPERIORES, ENFATIZANDO O CURSO DE ADMINISTRAÇÃO.....	41
Robson Carvalho de MENEZES	

## PSICOLOGIA SOCIAL E COMPORTAMENTO HUMANO NAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS

Robson Carvalho de Menezes<sup>1</sup>

### RESUMO

Nesse estudo, procurou-se evidenciar a importância da Psicologia Social para o comportamento humano nas relações interpessoais. O objetivo foi o de evidenciar como os indivíduos convivem com essa realidade na vida e nas organizações em que trabalham, considerando que a maior parte do tempo da vida produtiva de cada um é vivida dentro do ambiente de trabalho. A justificativa para esse estudo é o desejo de mostrar ao leitor a importância da inteiração desse tema para que as pessoas produzam bem em ambientes saudáveis e acolhedores e dessa forma elevem a produtividade no trabalho e contribuam para o crescimento organizacional. A metodologia esteve voltada a pesquisar e evidenciar com base em diferentes autores a exemplo de Chiavento, Oliveira, Moscovici, Rodrigues, Menezes, entre outros. Os fatores investigados foram a Psicologia social, comportamento, relacionamento, motivação, comunicação, ambiente social e suas diferentes formas de aplicação. Como contribuição, o estudo intenciona despertar o interesse de estudiosos e leitores para essa problemática que cada vez mais preocupa gestores dentro das organizações e que estão diretamente relacionados.

**Palavras-chave:** Psicologia. Motivação. Comunicação. Comportamento. Relacionamento.

### RESUMEN

En este estudio, hemos tratado de poner de relieve la importancia de la psicología social de la conducta humana en las relaciones interpersonales. El objetivo era mostrar cómo las personas viven con esta realidad en la vida y en las organizaciones en las que trabajan, teniendo en cuenta que la mayor parte del tiempo de la vida productiva de cada uno se experimenta dentro del lugar de trabajo. La justificación de este estudio es el deseo de mostrar al lector la importancia de la complementariedad de este problema para las personas que producen bien en ambientes sanos y acogedor, y por lo tanto aumentar la productividad en el trabajo y contribuyen al crecimiento de la organización. La metodología se centra en la investigación y la evidencia basada en diferentes autores ejemplo de Chiavento,

---

<sup>1</sup> Doutorando em Psicologia Social, Mestre em Administração, Pós-Graduado MBA em Gestão Empresarial, Pós Graduado MBA Recursos Humanos, Pós Graduado Didático e Metodologia do Ensino Superior, Pós Graduado Gestão Escolar e Pós Graduado Pedagogia Empresarial. Bacharel em Administração e Tecnólogo em Processos Gerenciais. Coordenador do Curso de Administração e professor de graduação e módulos de pós-graduação da Faculdade Jardins.

Oliveira, Moscovici, Rodrigues Menezes, entre otros. Los factores investigados fueron la psicología social, el comportamiento, las relaciones, la motivación, la comunicación, el entorno social y sus diferentes formas de aplicación. Como una contribución, el estudio tiene la intención de despertar el interés de los estudiosos y lectores a este problema que preocupa cada vez más gestores dentro de las organizaciones que están directamente relacionados.

Palabras clave: Psicología. Motivación. Comunicación. Comportamiento. Relación.

## INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta uma vertente de estudo sobre a Psicologia Social e o Comportamento Humano nas Relações Interpessoais, procura mostrar como esse processo se dá entre o indivíduo e os diferentes ambientes que frequenta, enfatizando a relação com o trabalho e na organização em que atua, considerando que é nesse local que o homem ativo passa a maior parte do seu tempo na idade produtiva.

A Psicologia social é um ramo da psicologia que estuda como as pessoas pensam, influenciam e se relacionam umas com as outras. Surgiu no século XIX como uma área de atuação da psicologia para estabelecer uma ponte entre a psicologia e as ciências sociais (sociologia, antropologia, geografia, história, ciência política).

Identificar e lidar com os diferentes tipos de comportamento humano é um desafio cada vez mais presente dentro das organizações, isso justifica-se pelo fato da evolução tecnológica, pessoal, organizacional e das ciências dos conhecimentos estarem presente em todos setores, interferindo diretamente na forma de pensar e agir da pessoas.

Não faz muito tempo, as organizações tinham controle das situações adversas junto aos seus colaboradores, pois esses não tinham força para discordarem da forma como eram conduzidos dentro da organização, no que se refere aos recursos humanos quanto a direitos e deveres.

Atualmente as ações resumem-se em treinamentos e capacitações de cunhos teóricos, sem a devida orientação e acompanhamento para que se torne

prático os processos de desenvolvimento dos indivíduos. Porém, o que se percebe atualmente é uma maior sensibilização no tocante a valorização do capital humano por parte das organizações. Cada vez mais elas têm percebido que o sucesso do negócio depende, essencialmente, das pessoas que nela atuam, no desempenho das atividades.

O equilíbrio emocional e de relacionamento entre os colaboradores não pode ser tratada de forma superficial dentro das organizações, podendo esses influenciar diretamente nos resultados. Colaboradores com problemas psicológicos ou de relacionamentos, interferem diretamente na produtividade. Alguns sentem dificuldade de separar o pessoal do profissional e de se relacionar de forma amigável com todos. Administrar situações diferenciadas e gerenciar esses conflitos deve ser parte das responsabilidades da organização para com seus colaboradores, a fim de não só garantir bons resultados, mas, principalmente, assegurar a produtividade com qualidade.

## **1. PSICOLOGIA SOCIAL**

A Psicologia Social surge durante a segunda metade do século XIX, em alguns países da Europa, e um pouco mais tarde nos Estados Unidos e outros países.

Para alguns, a Psicologia Social surgiu no ano de 1859, junto com a edição da revista "Grande Enciclopédia Soviética", de Steintahl e Lazarus. Esta revista coloca a Psicologia Social como um ramo da psicologia burguesa. Para outros, a Psicologia Social surge nos últimos anos do século 19, junto ao processo de psicologização da Sociologia. Como se pode perceber, não há um consenso quanto à data e ao contexto em que nasceu a Psicologia Social.

A Psicologia Social estuda o que acontece com o indivíduo quando ele está interagindo com outras pessoas ou na expectativa desta interação. É assim que Aroldo Rodrigues (RODRIGUES, 2000), psicólogo brasileiro, define essa área. Diz ele que a Psicologia Social é o estudo das "manifestações comportamentais suscitadas pela interação de uma pessoa com outras pessoas, ou pela mera expectativa de tal interação". A integração social, a interdependência entre os

indivíduos, o encontro social são os objetos investigados por essa área da Psicologia. Dessa perspectiva, os principais conceitos são: a percepção social; a comunicação; as atitudes; a mudança de atitudes; o processo de socialização; os grupos sociais e os papéis sociais.

A Psicologia Social pode ser definida como o estudo científico da psicologia dos seres humanos nas suas relações com outros indivíduos, quer sejam influenciados, quer ajam sobre eles; pensamos e sentimos de determinada maneira porque somos seres sociais; o mundo em que vivemos é, em parte, produto da maneira como pensamos (RODRIGUES, 2000).

De acordo com Rodrigues (2000), alguns autores dizem que a Psicologia Social tomou dois caminhos distintos: um tenta atender às necessidades da Psicologia; o outro atende à política das classes dominantes (tal como a Sociologia burguesa). Assim sendo, torna-se difícil afirmar que a Psicologia Social está mais próxima da Psicologia ou da Sociologia (RODRIGUES, 2000). Para outros autores, a Psicologia Social surge graças aos êxitos das várias Ciências Sociais. Entretanto, reconhece que só esse motivo não foi o bastante; o que influenciou mesmo foram os interesses ideológicos e políticos da burguesia. É reforçado a ideia dos que veem a Psicologia Social como um ramo da Sociologia burguesa, pronta para defender a classe dominante do crescente movimento revolucionário da classe operária.

Segundo Pariguin (1972), a Psicologia Social vai muito além desse caráter ideológico que alguns estudiosos tentam impor a ela. Seria medíocre acreditar numa Psicologia Social servindo apenas aos interesses de uma minoria.

## 2. COMPORTAMENTO HUMANO

De acordo com Onnera (2013, p.2), pode-se considerar que três grandes grupos são responsáveis por determinar a percepção de um indivíduo:

Valores: é o conjunto de todas as crenças do indivíduo no que se refere à relação com outras pessoas e o ambiente. É o grande responsável pela interface do indivíduo com a sociedade.

Modelos Mentais: podem ser histórias ou imagens que existem na mente do indivíduo no seu mais íntimo e que o mesmo carrega consigo no que diz respeito a sua própria existência. É como se fosse o “retrato” que ele enxerga da sua própria realidade, da realidade alheia e o seu conceito de mundo ideal.

Motivos: é interessante utilizar como base o conceito de Eric Maslow da teoria das necessidades para entender em que estágio de necessidade o indivíduo encontra-se e assim entender o seu grau de percepção em relação aos fatos.

De acordo com o autor, grupos representados pelos fatores relacionados evidenciam o que determina o comportamento humano em sua mais variadas situações. Nas quais o homem reúne uma série de percepções que irão representar suas atitudes mais adversas.

Segundo Chiavenato (2009, p.66-67), o comportamento das pessoas apresenta algumas características:

**O homem proativo:** o comportamento das pessoas é orientado para a satisfação de suas necessidades pessoais e para o alcance de seus objetivos e aspirações. De modo geral, o comportamento nas organizações é determinado tanto pelas práticas organizacionais como pelo comportamento proativo (orientado para objetivos pessoais) dos participantes da organização.

**O homem é social:** a participação em organizações é importante na vida das pessoas porque as conduz ao envolvimento com outras pessoas ou grupos. Nos grupos ou nas organizações, os indivíduos procuram manter a identidade e seu bem-estar psicológicos e usam seus relacionamentos com outras pessoas para obter informação sobre si mesma e sobre ambiente em que vivem.

**O homem tem diferentes necessidades:** as pessoas são motivadas por uma diversidade de necessidades. Um fator pode motivar o comportamento de uma pessoa hoje e pode não ter potência suficiente para determinar seu comportamento no dia seguinte. Por outro lado, o comportamento das pessoas é simultaneamente influenciado por um grande número de necessidades que apresentam valências e quantidades diferentes.

**O homem percebe e avalia:** a experiência da pessoa com o seu ambiente é um processo ativo porque seleciona os dados dos diferentes aspectos do ambiente, avalia-os em termo de suas próprias experiências passadas em função daquilo que está experimentando em termos de suas próprias necessidades e valores.

**O homem pensa e escolhe:** o comportamento humano é proposital, proativo e cognitivamente ativo. Pode ser analisado em termos de planos comportamentais que escolhe, desenvolve executa para lidar com estímulos com que se defronta e



para alcançar seus objetivos pessoais. O homem tem limitada capacidade de resposta: a capacidade é limitada de acordo com o que pretende ou ambiciona. As pessoas não são capazes de se comportar de todas as formas, pois suas características pessoais são limitadas e restritas. As diferenças individuais fazem com que as pessoas tenham comportamentos variados. A capacidade de resposta é função das aptidões (inatas) e da aprendizagem (aquisição). Tanto a capacidade mental como a capacidade física está sujeita a limitações.

### 3. RELACIONAMENTO INTERPESSOAL

Relacionamento interpessoal é um conceito do âmbito da sociologia e psicologia que significa uma relação entre duas ou mais pessoas. Este tipo de relacionamento é marcado pelo contexto onde ele está inserido, podendo ser um contexto familiar, escolar, de trabalho ou de comunidade.

Segundo Moscovici (1985, p.27), “a competência interpessoal é a habilidade de lidar eficazmente com as relações interpessoais, de lidar com outras pessoas de forma adequada às necessidades de cada uma e às exigências da situação”. Ou seja, é a forma com a pessoa se relaciona com os outros, está relacionada ao comportamentos e atitudes que interferem no convívio com as pessoas. De acordo com o mesmo autor, o processo de interação humana é complexo e ocorre permanentemente entre pessoas, sendo a forma mais frequente e usual representada pelo processo de comunicação, seja verbal ou não-verbal.

De acordo Silva et al. (2007), aponta que toda relação interpessoal mobiliza processos psíquicos e o que se verifica, na prática, é que a vida cotidiana é caracterizada pela vida em grupo. A todo momento o indivíduo convive e se relaciona com outras pessoas em diferentes lugares, formam grupos por afinidades e aproximações como família, escola, igreja e trabalho.

Os seres humanos são essencialmente seres sociais, instintivamente motivados por uma necessidade de se relacionar. É nessa interação que descobrem suas próprias capacidades e as exercitam” (CARVALHO, 2009, p. 72).

De acordo com Carvalho (2009) os indivíduos pertencem a uma sociedade com alto desenvolvimento tecnológico que proporciona aproximações, mas

também desenvolve um baixo contato interpessoal. Segundo o autor, existem vários tipos de relacionamentos como: abertos ou fechados, criativos, conflitantes, gratificantes ou destrutivos.

De acordo com Brondani (2010) pontua que os fatores de excelência para um trabalho produtivo e que contribuem para o fortalecimento das relações interpessoais é o respeito entre os colegas, a cooperação e o diálogo entre os membros da equipe. O autor afirma ainda através que em uma determinada organização os aspectos que mais influenciam o relacionamento interpessoal dentre os indivíduos de uma equipe, identificando como sendo fatores preponderantes pesquisada são a amizade, o respeito, a cordialidade, a cooperação e o entrosamento.

#### **4. COMPORTAMENTO DOS INDIVÍDUOS DENTRO DAS EMPRESAS**

O comportamento organizacional é estudado em três níveis. Todo indivíduo chega à organização com suas expectativas, necessidades, valores etc. (comportamento individual); esse mesmo indivíduo passa a pertencer a um grupo de trabalho (comportamento grupal); dentro da organização, esses grupos se interagem e formam o todo (comportamento de toda a organização). Abaixo, são apresentados os três níveis do comportamento organizacional:

Comportamento micro-organizacional: o foco é o indivíduo, e são estudadas as diferenças individuais, os processos de aprendizagem, a percepção e a motivação. Os processos de recursos humanos que incidem diretamente sobre os indivíduos são: seleção, avaliação de desempenho, atitudes no ambiente de trabalho (assuntos de administração de pessoas).

Comportamento meso-organizacional (nível de grupos): estuda-se os grupos, trabalho em equipe, comunicação, liderança (que não será abordada nesse material, em razão de uma disciplina específica sobre esse assunto), conflitos, estresse;

Comportamento macro-organizacional (nível do sistema): envolve a cultura organizacional, a estrutura, a mudança e os efeitos das políticas de gestão de pessoas. Robbins (2004) nos coloca que os objetivos do estudo do comportamento

organizacional seriam: explicar, prever e controlar o comportamento humano. Explicar ocorre após o acontecido, por isso explicar no sentido de entender as causas que levam ou levaram a pessoa a se comportar daquela maneira. Prever está ligado a eventos futuros e, portanto, o estudo do comportamento permite se antecipar aos tipos de comportamento que possam ser apresentados a uma mudança. Pode-se avaliar o tipo de reação que os colaboradores teriam a uma tomada de decisão.

De acordo com Chiavenato (2009, p. 66)

Embora se possam ver as pessoas como recursos, isto é, portadoras de habilidades, capacidades, conhecimento, competências, motivação de trabalho etc., nunca se deve esquecer que as pessoas são pessoas, isto é, portadoras de características de personalidades, expectativas, objetivos pessoais, histórias particulares, etc. Convém, portanto, salientar algumas características genéricas das pessoas como pessoas, pois isso melhora a compreensão do comportamento humano nas organizações.

Chiavenato afirma nessa colocação que, independente de como seja pessoa, do seu grau de responsabilidade e habilidades, do nível de conhecimento que possui ou mesmo da bagagem cultural que carrega, não se pode esquecer do “homem” como um ser humano e suas particularidades, lembrando que cada um carrega consigo seu código de identificação pessoal, baseado no seu comportamento e caráter.

De acordo com Bergamini (1997, p.20)

Tudo o que se faz tem um significado e reflete pressupostos e vivências anteriores assimiladas ao psiquismo de cada pessoa. Cada um é um produto de suas características inatas e experiências vividas. Conhecendo como funcionam esses elementos será possível com relativa certeza, prever atitudes e condutas de cada um.

Foram identificados diversos traços de personalidade que permitem diferenciar as pessoas. Pervin (citado por Griffin e Moorhead, 2006) define cinco grandes traços de personalidade fundamentais e relevantes para as organizações. São eles:

**Sociabilidade:** capacidade de se relacionar bem com os outros. As pessoas muito sociáveis tendem a ser gentis, cooperativas, compreensíveis e estão mais propensas a manter melhores relações no ambiente de trabalho.

**Consciência/meticulosidade:** refere-se à quantidade de objetivos em que cada um é capaz de se concentrar. Os que se concentram em poucos objetivos de cada vez tendem a ser mais organizados, cuidadosos, responsáveis e disciplinados no trabalho.

**Estabilidade emocional:** diz respeito à variação de humor e à segurança. As pessoas com maior estabilidade emocional tendem a ser calmas, flexíveis e seguras.

**Extroversão:** refere-se ao bem-estar sentido nos relacionamentos. Os extrovertidos são mais amistosos, falantes, assertivos e abertos a novos relacionamentos.

**Abertura:** refere-se à maleabilidade das crenças e dos interesses de uma pessoa. As pessoas com alto grau de abertura estão mais dispostas a ouvir novas ideias e a mudar de opinião a partir de novas informações.

Outra abordagem para compreender a personalidade nas organizações é a proposta por Carl Jung, psicanalista europeu, que criou um modelo de estilos cognitivos. Ele identificou quatro dimensões do funcionamento psicológico:

**Extroversão x introversão:** os extrovertidos são orientados para o mundo exterior, enquanto os introvertidos são orientados para o mundo interior e preferem o recolhimento.

**Pensamento x sentimento:** as pessoas que têm o estilo pensamento tomam decisões de forma racional, lógica, enquanto o outro estilo baseia suas decisões em sentimentos e emoção.

**Sensação x intuição:** os indivíduos voltados para a sensação preferem focar nos detalhes, ao passo que os intuitivos se concentram em temas mais amplos.

**Julgamento x percepção:** as pessoas do tipo julgamento gostam de terminar tarefas, e as do tipo percepção gostam do processo de elaboração e buscam maior número de informações.

### VARIAVEIS INTERVENIENTES

	<b>Fatores Internos</b>	<b>Fatores Externos</b>	
<b>A pessoa na Organização</b>	Personalidade	Ambiente Organizacional	<b>Comportamento da pessoa dentro da organização</b>
	Aprendizagem	Regulamentos	
	Motivação	Cultura	
	Percepção	Político	
	Valores	Métodos e Processos	
		Grau de confiança	
	Recompensas		

Quadro 01: Variáveis intervenientes  
 Fonte: adaptado de Chiavenato (2009, p. 48).

As variáveis relacionadas a pessoa na organização e ao comportamento da pessoa dentro da organização, estão divididas em fatores Internos e Externos, de acordo com o quadro acima dentro dos fatores internos, é preciso observar no indivíduo a personalidade que refere-se a forma como se comporta e se relaciona; a aprendizagem das atividades a ele delegadas; a motivação como desempenha tais tarefas; a percepção para esse desenvolvimento e a obtenção de resultados e os valores que esse possui e que atribui na sua vida profissional.

Nos fatores externos, devem ser avaliados se o ambiente organizacional está preparado para absorver tudo que está relacionado à organização e seus colaboradores, oferecendo condições satisfatórias para o desempenho do trabalho.

A organização deve possuir regulamentos que regem o funcionamento da empresa e as normas disciplinares; a cultura de cada um deve ser levada em conta, respeitando seus princípios assim como os costumes da organização. No que se refere a política de atuação, essa deve ser bem trabalhada junto aos seus colaboradores de forma que todos tenham consciência das condições que devem ser respeitadas e cumpridas.

Toda organização trabalha com métodos e processos, esses devem estar dentro das diretrizes que são repassadas aos seus colaboradores de modo geral. Esses levam ao grau de confiança que envolve a todos, o regulamento deve reger

as obrigações e direitos de seus colaboradores e esses dentro da à organização devem observar a maneira correta de agir e se comportar com honestidade.

Esses fatores reunidos levam a recompensa, todo colaborador espera uma recompensa ou reconhecimento pelo seu trabalho e dedicação, no entanto, essa vai além do retorno financeiro, estando atrelado a forma como a organização investe no pessoal, através de programas de capacitação e treinamento, levando a ascensão profissional e conseqüente ao aumento salarial.

### Comportamento humano e sua influência dentro da organização



Quadro 02: Indivíduos na organização  
Fonte: Chiavenato (2009)

O organograma acima, mostra como estão dispostos os diferentes fatores e comportamentos que podem influenciar na forma de agir e desempenho do colaborador dentro da organização. Dentre os fatores apontados, os considerados mais preocupantes que podem prejudicar tanto o colaborador quanto a empresa, considerando que o rendimento tende a cair, considerando que, se o indivíduo não está pressionando e insatisfeito, isso acarretará em sérios problemas, esses são:

- Pressão do superior
- Influências dos colegas
- Condições ambientais (insatisfatórias)

Os demais fatores também podem influenciar de forma negativa ou positiva conforme seja a forma como chega ao indivíduo, ou seja, dos itens citados acima, eles podem vir a beneficiar ou prejudicar o colaborador e por conseguinte a organização.

## 5. ASPECTOS MOTIVACIONAIS

Com a implantação da psicologia social nas organizações percebe-se que os resultados apresentam aspectos positivos e mostram para os gestores a melhor forma de conduzir os trabalhos junto aos seus colaboradores. Sabe-se que o homem é movido por uma força interior, e para que esta atenda as suas expectativas e de onde ele atua, é preciso que esteja satisfeito com o seu desempenho o qual sofre influências de fatores internos e externos. No ponto econômico das organizações, quando o colaborador trabalha com satisfação é sinal de mais resultado e mais rentabilidade para a empresa.

Motivação é ter um motivo para fazer determinada tarefa, agir com algum propósito ou razão. Ser feliz ou estar feliz no período de execução da tarefa, auxiliado por fatores externos, mas principalmente pelos internos. O sentir-se bem num ambiente holístico, ambientar pessoas e manter-se em paz e harmonia, com a soma dos diversos papéis que encaramos neste teatro da vida chamado "sociedade", resulta em uma parcialidade única e que requer cuidados e atenção." (KLAVA, 2010).

De acordo com Klava (2010) a motivação é força, a vontade de fazer, o agir da pessoa na elaboração ou execução de algo em que acredita, ou que esteja diretamente ligado. Em se tratando de motivação dentro da organização, essa está diretamente ligada à forma como o indivíduo é incentivado e valorizado. A análise das suas ações respondem positivamente quando este vê reconhecimento no seu trabalho e na forma como conduz sua relação dentro da organização com seus colegas, dirigentes, clientes, enfim, todos que estejam ligados a empresa.

O colaborador quando motivado, trabalha com satisfação e produz mais e melhor, se isso não acontece, ele não serve para a empresa e é chegada a hora de ser avaliado pelo gestor de recursos humanos. Que a depender da política da empresa, já vem observando o comportamento e age quando conclui a necessidade de substituição. Muitas vezes, isso ocorre por falta de adaptação é

tentado um remanejamento, podendo alguns que demonstraram maior interesse e desempenho serem agraciados com a ascensão.

## 6. COMUNICAÇÃO NAS ORGANIZAÇÕES

Muitos autores afirmam que a comunicação é imprescindível para qualquer organização social. A dinâmica organizacional, que visa coordenar recursos humanos e materiais para atingir objetivos específicos, processa-se pela interligação e relacionamento dos seus membros. Toda a organização comunicativa pressupõe que a organização do trabalho favoreça o espírito de equipa, a implicação e o desenvolvimento de todas as pessoas, a definição de orientações claras e uma determinada gestão participativa. É desta forma que podemos falar da imprescindibilidade da comunicação para as organizações.

Segundo P. Jardillie (2010), uma comunicação organizada deve apresentar determinadas características:

- 1 - ser definida: estar dependente de um plano geral e de objetivos específicos;
- 2 - ser multidirecional: estabelece-se de cima para baixo, de baixo para cima, transversalmente, interna e externamente;
- 3 - ser instrumental: é acompanhada de indicadores, dispositivos e instrumentos de comunicação, selecionados de acordo com os objetivos;
- 4 - ser flexível: para poder integrar a comunicação informal, criando estruturas que lhe sejam favoráveis;
- 5 - ser adaptada e integrar sistemas de informação que possam ser geridos e adaptados às necessidades específicas de cada área organizacional;

A comunicação para ser organizada, deve seguir algumas normas básicas conforme cita Jardillie (2010), situando-se dentro da organização uma comunicação definida, sendo multidirecional, possuindo instrumentos que garantam a sua boa atuação, tendo flexibilidade e adaptando-se ao ambiente de acordo com a situação ou ocasião.

A imagem que os funcionários têm da organização que trabalham é a base da imagem externa. Não existe melhor estratégia de comunicação do que



transformar seus funcionários em verdadeiros embaixadores de sua empresa. (MARQUES, 2004).

Popularmente se diz que “a propaganda é a alma do negócio”, e é, melhor ainda se essa boa divulgação é feita por quem está dentro e conhece bem o ambiente. É a satisfação dos seus colaboradores na organização que os acolhe e no qual veem possibilidade de crescimento, ou mesmo sentem-se reconhecidos e motivados, que irá fazer com que propaguem uma imagem positiva que irá contagiar admiradores.

A este propósito, Tavares afirma, "funcionários insatisfeitos com as condições de trabalho e com os próprios produtos lançados, irão fazer uma contra-propaganda cada vez que multiplicam fora da empresa a sensação de descontentamento que os dominam. E, caso estejam satisfeitos com a empresa, poderão vendê-la para o cliente externo."(MARQUES, 2005: 05)

Em contrapartida, colaboradores insatisfeitos segundo Marques (2005), podem ser um perigo para a imagem da empresa, repercutindo negativamente e fazendo com que além de perder clientela, tenha sua permanência do mercado ameaçada pelo concorrente.

## 7. SOCIEDADE E AMBIENTE

Ambiente social é qualquer conjunto de coisas, forças ou condições em relação e contato com os [seres humanos](#), incluindo aí tanto a cultura material concreta (como construções e aparelhos tecnológicos), como características culturais e estruturais abstratas dos sistemas sociais que determinam e moldam as formas como a vida social é exercida.

Em se tratando de ambiente social voltado para a organização e seus colaboradores, segundo O trabalho é fator primordial na vida de todo ser humano, a psicologia organizacional evidencia o relacionamento interpessoal como uma das principais características para o sucesso da organização. Sem pessoas, não há produtividade, não existe empresas, ou seja, sempre existirá a relação homem e trabalho. “As pessoas são a vantagem competitiva das empresas e o bem estar no

ambiente de trabalho resulta em produtividade e resultados” (BRONDANI, 2010, p.18).

O ambiente de trabalho é o local no qual o indivíduo produtivo, passa a maior parte dos seus dias, até mais que no convívio familiar. A organização é composta por um conjunto de pessoas diferentes, contudo com o mesmo objetivo, é apontado que “a organização se constitui numa rede de relações tecidas por indivíduos dotados de ideias, necessidades e sentimentos que estão, a todo o tempo, presentes nas interações sociais, refletindo como os indivíduos percebem e vivenciam a realidade” (RODRIGUES, et al, 2001, p. 127).

A vida no trabalho é composta de um cenário no qual atitudes, emoções e sentimentos de enorme diversidade são manifestados, reproduzindo a forma particular de cada indivíduo de lidar com a realidade (CARVALHO, 2009, p.75).

O local de trabalho é um ambiente que socializa a convivência das pessoas, no entanto, cada um possui uma diferença de comportamento e do modo de agir, que deve ser respeitada pelos grupos, cada pessoa vê o mundo de um ângulo diferente, mais a realidade é uma só para todos o que diferencia um do outro é a maneira como cada um vai lidar com as emoções e sentimentos, manifestando-se das mais variadas formas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Comprovado por Psicólogos, estudiosos e gestores, que a Psicologia Social é de grande contribuição para o desenvolvimento humano nos mais variados aspectos da vida, seja pessoal, profissional, ou simplesmente social. O ser humano não consegue viver isoladamente sem se relacionar e interagir com outras pessoas, e no ambiente social isso é impraticável.

Dessa forma, o que estudo procurou apresentar através dessa temática, foi a importância desses fatores para o indivíduo em qualquer fase da sua vida, especialmente na produtiva, em que conviver com um maior número de pessoas dentro e fora da organização, incluindo o público com o qual se relaciona, é um

desafio que precisa ser vencido a cada momento, devendo está atento as mudanças a que é submetido.

Os fatores evidenciados no estudo, foram explorados de forma sucinta, considerando que os temas são amplos e podem ser aprofundados de acordo com a necessidade de cada um. O que se pode comprovar, é que as pessoas devem conhecer as adversidades relacionadas ao tema citado e se preparar para lidar com a realidade.

Cabe a cada um, buscar vencer seus desafios, cumprindo e respeitando o que norteia essa os fatores citados, relacionando-se bem com seu grupo, desenvolvendo comportamento adequado e satisfatório, sendo comunicativo sem exceder as normas, mantendo o ambiente harmonioso, e buscando motivação para além de exercer bem sua função ascender profissionalmente.

A Psicologia Social, tem como foco dentro das organizações, desenvolver métodos que proporcionem a colaboradores, gestores e organização, condições de trabalho que integrem os fatores objeto desse estudo, bem como outros que venham a contribuir positivamente para essa finalidade. As organizações estão cada vez mais exigentes e atentas aos seus colaboradores, fatores positivos e negativos estão lado a lado, e, todos devem está atento, diante de um mercado cada vez mais competitivo, a opção será por aquele que agregue o maior número de atributos que possam acrescentar a organização.

## REFERÊNCIAS

BERGAMINI, C.W. **Psicologia aplicada à administração de empresas: psicologia do comportamento humano na empresa.** São Paulo: Atlas, 1997.

BRONDANI, JERA PORTO. **Relacionamento interpessoal e o trabalho em equipe:** uma análise sobre a influência na qualidade de vida no trabalho. 2010 <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/29873/000779376.pdf?sequence=1> Acesso: 25 de novembro de 2016.

CARVALHO, MARIA DO CARMO NACIF DE. **Relacionamento Interpessoal: como preservar o sujeito coletivo.** Rio de Janeiro: LTC, 2009.

CHIAVENATO, Idalberto. **Recursos humanos: o capital humano das organizações.** 9.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

GRIFFIN, R. W.; MOORHEAD, G. **Fundamentos do comportamento organizacional**. São Paulo: Ática, 2006.

KLAVA, Verônica. **Motivação empresarial - o desafio do século XXI**. Disponível em: <http://www.administradores.com.br/informe-se/artigos/motivacao-empresarial-o-desafio-do-seculo-xxi/48844/> acessado em 28 de Novembro de 2016.

MARQUES, R. (2004). **Comunicação Interna** (documento online) Rh.com.br – o Portal dos Profissionais de Recursos Humanos. Acedido em 07 de Junho de 2009, em: <http://www.rh.com.br/Portal/Comunicacao/Artigo/3715/comunicacao-interna.html> - acessado em 01 de dezembro de 2016.

MENEZES, Robson Carvalho de, **A Importância da Gestão de Pessoas para o Desenvolvimento das Organizações**. Artigo apresentado à Faculdade São Luís de França para a obtenção do grau de Especialista em MBA em Gestão de Recursos Humanos.

\_\_\_\_\_, **Projeto Integrador. Estratégia Empresarial da empresa Masterradius Telecom** – Trabalho de conclusão de curso, apresentado a Faculdade Fanese, para obtenção do título de Graduação em Processos Gerenciais 2011.1

\_\_\_\_\_, **Um Breve Olhar Acerca da Importância da Educação Financeira para as Finanças Pessoais**. Artigo apresentado a Faculdade Fanese, para a obtenção do grau de Especialista em MBA Gestão Empresarial.

\_\_\_\_\_, **Um novo Conceito de Administrar Empresas Privadas a partir dos 4P's: “Pessoas, Produto, Processos, Preço” – Identificando Estratégias no ramo de Telecomunicações**. Dissertação de Mestrado apresentado à CUEA- Centro Universitário EApredaElearning, para a obtenção do grau de Mestre em Administração.

\_\_\_\_\_, **Motivação e Liderança como Ferramentas de Gestão. Apresentação**. 2016.

\_\_\_\_\_, **Criando Oportunidade Única para Divulgar e Vender seu Produto ou Serviço Através do Marketing de Diferenciação**. Apresentação. 2016.

MOSCOVICI, F. (1985). **Desenvolvimento interpessoal**. 3ª. ed., Rio de Janeiro: LTC.

ONNERA, Anderson. **O comportamento nas organizações**. Disponível em: <http://recursoshumanos.fabe.wpmu.unis.edu.br/2013/04/01/o-comportamentohumano-nas-organizacaoes/>. Acesso em: 02 de dezembro de 2016.

ROBBINS, S. P. **Comportamento organizacional**. 8. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

ROBBINS, Stephen P. **Comportamento organizacional**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.

RODRIGUES, et al. **Um espaço para o desenvolvimento interpessoal no trabalho**. 2001 <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v6n2/v6n2a17.pdf>> Acesso: 30 de novembro de 2016.

SILVA, et al. **Relacionamento interpessoal no contexto organizacional**. 2007 <[http://www.convibra.com.br/2008/artigos/289\\_0.pdf](http://www.convibra.com.br/2008/artigos/289_0.pdf)> Acesso: 29 de novembro de 2016.

## REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E OS DIFERENTES SABERES DO COTIDIANO POPULAR E DO SENSO COMUM

Robson Carvalho de Menezes<sup>2</sup>

### RESUMO

O objeto de estudo proposto para este artigo foi o de colocar em evidência com base em alguns teóricos a exemplo de Moscovici, Jodelet e Durkheim, a relação entre as Representações Sociais e os diferentes saberes do cotidiano popular e do senso comum. Tendo como objetivo, analisar a importância das relações sociais para os indivíduos nas mais diferentes formas de convivência a que são submetidos ao viver em sociedade ou conforme suas escolhas. Destacando que cada conhecimento carrega sua particularidade e bagagem cultural, sendo esses responsáveis pela formação do homem e na construção do ambiente em que está inserido. A metodologia foi baseada em apanhados bibliográficos com base no referencial apresentado visando identificar definições conceituais em torno das representações sociais, fazendo um panorama sobre as diferentes teorias. Como justificativa ressalta o interesse em aprofundar o conhecimento sobre a forma de viver do indivíduo através das representações sociais e a sua relação com o mundo.

**Palavras-chave:** Representação Social. Teoria. Conhecimento. Sociedade.

### RESUMEN

La propuesta objeto de estudio de este artículo es poner en evidencia basada en un cierto ejemplo teórico de Moscovici, Jodelet y Durkheim, la relación entre las representaciones sociales y los diferentes conocimientos de todos los días popular y el sentido común. Con el objetivo de analizar la importancia de las relaciones sociales de los individuos en diferentes formas de vida que son sometidos a vivir en sociedad o como sus opciones. Haciendo hincapié en que cada conocimiento lleva su particularidad y los antecedentes culturales, y los responsables de la formación del hombre y el medio ambiente del edificio donde se encuentra. La metodología se basa en bibliográfico escogido basado en el marco presentado para identificar las definiciones conceptuales en las representaciones sociales, haciendo un resumen de las diferentes teorías. Como justificación de relieve el interés en profundizar el conocimiento de la forma de vida del individuo a través de las representaciones sociales y su relación con el mundo.

---

<sup>2</sup> Doutorando em Psicologia Social, Mestre em Administração, Pós-Graduado MBA em Gestão Empresarial, Pós Graduado MBA Recursos Humanos, Pós Graduado Didático e Metodologia do Ensino Superior, Pós Graduado Gestão Escolar e Pós Graduado Pedagogia Empresarial. Bacharel em Administração e Tecnólogo em Processos Gerenciais. Coordenador do Curso de Administração e professor de graduação e módulos de pós-graduação da Faculdade Jardins.

**Palabras clave:** la representación social. Theory. Conocimiento. La sociedad.

## 1. INTRODUÇÃO

O estudo aqui apresentado visa apresentar uma visão sobre a Representação social, focando seus principais teóricos e defensores, com destaque para Moscovici, Durkheim, Jodelet, Abric entre outros. Procurando apresentar as diferentes vertentes de estudos e pesquisas por esses desenvolvidas nesse assunto.

Analisando a origem da representação social, tem início na Europa e remete ao conceito de representação coletiva de Émile Durkheim (1973), por longo tempo esquecido, e que o psicólogo francês Serge Moscovici (2000), retomou para desenvolver uma teoria das representações sociais no campo da Psicologia Social. A distinção radical entre representações individuais e coletivas, proposta por Durkheim (1973), no final do século passado, revela a influência sofrida pelo meio científico de sua época.

Teve como objetivo analisar a importância das relações sociais para os indivíduos nas mais diferentes formas de convivência. Visa ainda, levar ao conhecimento do leitor e pesquisador o pensar de diferentes teóricos acerca da temática. Para isso a metodologia utilizada foi baseada em apanhados bibliográficos com base no referencial apresentado. Justifica-se o interesse por esse estudo, o desejo de aprofundar o conhecimento sobre o indivíduo e a sua relação com o mundo.

O conceito de Moscovici (2000) nasce da releitura crítica feita sobre as noções de representação coletiva da teoria funcional de Durkheim (1973), uma vez que, para o psicólogo francês, as representações coletivas são por demais abrangentes para darem conta da produção do pensamento na sociedade. Na definição de Moscovici (2000), a representação social refere-se ao posicionamento e localização da consciência subjetiva nos espaços sociais, com o sentido de constituir percepções por parte dos indivíduos.

Nesse contexto, as representações de um objeto social passam por um processo de formação entendido como um encadeamento de fenômenos interativos, fruto dos processos sociais no cotidiano do mundo moderno. Falando

sobre o senso comum, o conhecimento por ele elaborado, apesar de gerar e orientar as práticas sociais, não tem status de ciência, pois não produz verdade científica. Sendo assim, o conhecimento científico passa a ser privilégio de um reduzido grupo que impõe certezas e, segundo a visão de Moscovici (2000), retira dos demais grupos o direito de avançar para um estágio mais elevado do conhecimento.

Como contribuição social e científica, espera-se que o estudo apresentado possa servir de embasamento para outros estudos sendo aprofundados à medida que as mudanças se instalam entre as pessoas e seus ambientes sociais. Em um tempo em que todos cada vez mais apresentam diferentes tipos de comportamento gerando questionamentos que levam a novos estudos e descobertas.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 Representações Sociais**

A Teoria das Representações Sociais proposta pelo psicólogo social francês Serge Moscovici (1978), e apresentada por ele na obra intitulada A representação social da psicanálise e mostra a inter-relação entre sujeito e objeto e como se dá o processo de construção do conhecimento, ao mesmo tempo individual e coletivo na construção das Representações Sociais, um conhecimento de senso comum.

Moscovici define representações sociais de forma sucinta, segundo ele: “Em poucas palavras, a representação social é uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos” (MOSCOVICI, 1978, p. 26).

De acordo com Moscovici (1978, p. 41), as relações sociais estabelecidas no cotidiano são fruto de representações que são facilmente apreendidas. Portanto, a Representação Social, para Moscovici, possui uma dupla dimensão, Sujeito e Sociedade, e situa-se no limiar de uma série de conceitos sociológicos e psicológicos.



O primeiro teórico a falar em representações sociais como “representação coletiva” foi Émile Durkheim, designando a especificidade do pensamento social em relação ao pensamento individual. Segundo este autor, o pensamento individual seria um fenômeno puramente psíquico, mas que não se reduziria à atividade cerebral, e o pensamento social não se resumiria à soma dos pensamentos individuais (MOSCOVICI, 1978, p. 25).

Alguns autores embora apresentem divergências de opiniões, em alguns pontos convergem suas ideias e seus pensamentos para um entendimento similar sobre as representações sociais. Durkheim aponta que é retomada e ampliada por Moscovici, ao elaborar a Teoria das Representações Sociais, se refere ao peso que a opinião tem no processo de desenvolvimento da ciência. Assim sendo, para Durkheim prevalece a teoria de Moscovici.

[...]o valor que atribuímos à ciência, como aliás, nas religiões, depende, em suma, da ideia que fazemos coletivamente da sua natureza e do seu papel na vida; quer dizer, ela exprime um estado de opinião. É que, de fato, tudo na vida social, inclusive a própria ciência, assenta na opinião (MOSCOVICI, 1978, p. 45).

Analisando a posição de Durkheim, em que pese ao pensamento durkheimiano, a valorização da opinião no desenvolvimento da ciência, Moscovici chama a atenção para o fato de que trabalhar no campo da opinião envolve uma escala de valores que pode levar à valorização maior de uma ciência em detrimento de outra, e, por isso, o papel da opinião na estrutura e no desenvolvimento das teorias científicas vem sendo cada vez mais reduzido.

De acordo com essa linha argumentativa, diz Moscovici (1978, p. 46): “Como se sabe, a opinião é, por um lado, uma fórmula socialmente valorizada a que um indivíduo adere; e, por outro lado, uma tomada de posição sobre um problema controvertido da sociedade”

[...] é que as representações sociais não são apenas “opiniões sobre” ou “imagens de”, mas teorias coletivas sobre o real, sistemas que têm uma lógica e uma linguagem particular, uma estrutura de implicações baseada em valores e conceitos que ‘determinam o campo das comunicações possíveis, dos valores e das ideias compartilhadas pelos grupos e regem, subseqüentemente, as condutas desejáveis ou admitidas.

O pensamento de Moscovici difere do entendimento de Durkheim no sentido de que acredita que as relações entre sociedade e cultura são interdependentes e contraditórias e não estáticas, como defendia Durkheim. Corroborando esse

entendimento, DURAN (2006, p. 41), menciona que: “(...) enquanto Durkheim vê as Representações Sociais como formas estáveis de compreensão coletiva, Moscovici esteve mais interessado em explorar a variação e a diversidade das idéias coletivas nas sociedades modernas”.

Isso comprova que entre esses dois autores havia divergência de opiniões referente ao que defendiam sobre o que são as Representações sociais.

A questão não é ser coletivo ou social, mas sim a busca pela compreensão da nossa essência e a implicação do nosso modo de pensar. Nesse sentido, Marília Claret Geraes Duran (2006, p. 40), ensina que:

A orientação sociológica de Moscovici foi consistentemente orientada para questões de como as coisas mudam na sociedade, isto é, para aqueles processos sociais, pelos quais a novidade e a mudança, como a conservação e a preservação, se tornam parte da vida social. Ele estava interessado na transformação do senso comum, como claramente evidencia em seu estudo das Representações Sociais da Psicanálise.

Duran (2006) acreditava que a sociedade está em constante processo de transformação, estando, portanto propenso a mudar sua forma de ser e agir de acordo com as mudanças, acompanhando as novidades que surgem e se adaptando a essas. O conhecimento é construído e modificado a medida que os indivíduos vão tendo acesso a novos conceitos de vida.

Moscovici (2001, p.17) afirma que “a representação toma o lugar da ciência e, por outro, a constitui ou reconstitui a partir das relações sociais envolvidas”. Assim, a ciência passa a fazer parte da crença dos indivíduos, se tornando elemento da própria cultura; o conhecimento científico é transformado em conhecimento comum.

Nesse sentido, Boaventura Souza Santos (2006, p.31) explica que é necessário “o reconhecimento crescente do caráter parcial do conhecimento científico e da necessidade de procurar diálogos entre ele e conhecimentos não científicos”, ao que ele denomina “Ecologia dos Saberes”, sendo determinante para a evolução humana. Moscovici (1978, p.67-69) defende que cada universo possui três dimensões distintas: a atitude, a informação e o campo de representação ou a imagem.

A informação – dimensão ou conceito – diz respeito à organização dos conhecimentos que um grupo possui acerca de um objeto. A dimensão “campo de representação” nos remete à ideia de imagem, modelo, a um aspecto preciso do objeto social. A atitude consegue destacar a orientação global em relação ao objeto da representação social, que ocorre quando o indivíduo representa algo unicamente após ter adotado uma posição, e em função da posição tomada.

Denise Jodelet (2005) discute e analisa a construção de representações sociais, demonstrando que essas representações estão na sociedade e que os efeitos simbólicos do cotidiano manifestam os saberes e as práticas dos sujeitos, demandando uma compreensão de que o registro simbólico expressa não apenas um saber sobre a realidade, mas também sobre as identidades, as tradições e as culturas que dão forma a um modo de viver. Para Jodelet, entre os ideais que norteiam a busca pela mudança, e a realidade dura da prática, há uma lacuna não pensada. “É fato que “a Teoria das Representações Sociais busca identificar o conteúdo do conhecimento de senso comum e olhar os modos como ele se expressa na linguagem e comunicação” (JODELET, 2005, p. 93).

Entende-se que as representações sociais são dinâmicas, mudando de tempos em tempos, pois há a liberdade da qual se vale a linguagem para projetá-la em um espaço simbólico e arrastá-la para associações diversas. Moscovici (1978, p.26-27) complementa:

No final das contas, ela produz e determina os comportamentos, pois define simultaneamente a natureza dos estímulos que nos cercam e nos provocam, e o significado das respostas a dar-lhes. Em poucas palavras, a representação social é uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos (...) elas possuem uma função constitutiva da realidade, da única realidade que conhecíamos por experiência e na qual a maioria das pessoas se movimenta (...) é alternativamente, o sinal e a reprodução de um objeto socialmente valorizado.

A análise de uma representação social, permeada por diferentes saberes, crenças e valores relacionados com aspectos cognitivos e sociais, não se dá a conhecer de modo muito simples. Em decorrência disso, a abordagem estrutural das representações sociais abriga distintos métodos de pesquisa e instrumentos de coleta de dados, sendo possível a utilização de um viés plurimetodológico das representações, conforme proposto por Abric (1998).

A Teoria da Abordagem Estrutural propõe que os elementos da representação sejam organizados em um núcleo central, no qual toda a representação social é organizada e unificada, dando sentido ao conjunto das representações. Entretanto, em volta desse núcleo existem componentes periféricos que contribuem significativamente para clarificar o caminho conceitual, teórico, didático e metodológico do estudo das representações sociais.

No prefácio à obra intitulada Núcleo central das representações sociais, de Celso Pereira Sá (1996), encontra-se uma afirmação bastante enfática sobre a importância do estudo da temática “Representações Sociais” na atualidade:

[...] Isto porque, para além das tomadas de posição ideológicas, a análise científica das mentalidades e práticas sociais será um dos elementos indispensáveis à evolução e ao progresso social. Nesse sentido, a Teoria das Representações Sociais constitui, hoje, um sistema teórico particularmente importante para atingir esse objetivo, pois uma das vantagens da perspectiva das Representações Sociais é que ela se nutre de abordagens diversas e complementares: estruturais, por certo, mas igualmente etnológicas e antropológicas, sociológicas e históricas (ABRIC, 1996, p. 9-10).

Considerando o grau de complexidade que envolve a natureza das Representações Sociais, cabe à investigação científica descrevê-las e analisá-las em todas as suas dimensões. Sobre essa questão, Jodelet (2001, p. 41-42) informa que os principais eixos necessários à compreensão da multidimensionalidade da Teoria das Representações Sociais dizem respeito ao fato de que:

- 1º) a representação social é sempre representativa de alguma coisa (objeto) e de alguém (sujeito);
- 2º) as representações sociais envolvem uma atividade de simbolização do objeto e de sua interpretação, dando-lhe significados, que nada mais são que as construções cognitivas dos sujeitos sociais;
- 3º) o estudo das representações sociais deve envolver todos os aspectos que demonstrem o grau de pertença dos sujeitos a um grupo social e como os mesmos participam da vida em sociedade e que cultura expressam;
- 4º) as representações sociais se apoiam em suportes linguísticos e em comportamentos que dão forma ao objeto e o caracterizam;
- 5º) trata-se de um saber prático, que se refere à experiência social dos sujeitos;
- 6º) sinteticamente, analisar as representações significa responder a indagações como: quem sabe e de onde sabe? o que sabe e como sabe? sobre o que sabe e com que efeito? Ou seja, compreendê-las a partir das condições de sua produção e circulação, de seus processos, de suas etapas e de seu estatuto epistemológico.

Dessa forma fica comprovado como as Representações Sociais fazem uma ponte entre o conhecimento de senso comum e o científico, na medida em que é um sistema de acolhida das informações que circulam no meio social, concretizadas através das experiências dos sujeitos sociais envolvidos e dos processos de comunicação existentes. Por ser assim, tem uma carga emocional muito grande, o que facilita as trocas e partilhas entre diferentes indivíduos, grupos e comunidades sociais.

As Representações Sociais expressam, enfim, a forma como cada grupo social se organiza e constrói seus significados, através de interações dinâmicas e determinadas historicamente. Nesse contexto, “as representações são sociais porque se trata de um esforço coletivo de construção de conhecimentos que permite a indivíduos, grupos e comunidades trabalhar com situações e fenômenos que fazem parte de sua realidade cotidiana” (GOFFMAN, 1983, p. 74).

Embora a Teoria das Representações Sociais apresente alguns ranços ao desenvolvimento de certos tipos de pesquisa científica, não se pode negar o fato de que as representações sociais têm a linguagem como mediação privilegiada, configurando-se num importante conceito para se pensar a relação estabelecida entre pesquisador e informantes num determinado contexto da realidade existencial investigada.

Diferentemente do conhecimento científico que é cognitivo por excelência, as representações sociais, como conhecimento do senso comum, podem apresentar algumas contradições, fragmentações ou ambivalências em sua superfície. Mas, na condição de campo representacional, apresentam um núcleo fundamentador mais estável e permanente, baseado na cultura e memória da sociedade.

É fato que “a Teoria das Representações Sociais busca identificar o conteúdo do conhecimento de senso comum e olhar os modos como ele se expressa na linguagem e comunicação” (JODELET, 2005, p. 93).

Nesse contexto, convém observar que, quando se estuda o senso comum, isto é, o conhecimento popular, estuda-se algo que liga sociedade, ou indivíduos, à sua cultura, à sua linguagem, a seu mundo familiar. Logo, as representações

sociais constituem um sistema de valores, noções e práticas que asseguram a comunicação entre os membros de uma determinada comunidade.

O processo de comunicação social é condição determinante na formação do pensamento e da representação social como conhecimento. Com a Teoria das Representações Sociais, colocou-se em pauta o senso comum, deixando-se de vê-lo como formas confusas e fragmentadas de conhecimento, uma vez que ele permite a apropriação do conhecimento científico pela sociedade, porém não implica a corrupção e a distorção desse conhecimento. Implica apenas a contextualização na linguagem e a compreensão da sociedade e dos elementos que lhe são peculiares, reais e simbólicos.

### **2.1.2 Processo de Ancoragem e Objetificação na formação das representações Sociais**

Na formação das representações sociais, existem dois processos que servem para familiarizar o desconhecido, a Ancoragem e a Objetificação.

A Teoria das Representações Sociais abordada em termos de processo consiste em saber como se constroem as representações, como se dá à incorporação do novo, do não familiar, aos universos consensuais. Nesse sentido, para Moscovici, a construção das representações envolve dois processos formadores: a ancoragem e a objetivação. Assim, conforme Sá, “o processo é responsável pelo enraizamento social da representação e de seu objeto” (SÁ, 1995, p. 38).

Para Moscovici, o processo de objetivação “faz com que se torne real um esquema conceptual, com que se dê a uma imagem uma contrapartida material” (MOSCOVICI, 1978, p. 110). Nesse caso, então, a objetivação consiste em dar concretude a um determinado conceito. No caso do estudo de Moscovici, o conceito utilizado foi o de psicanálise através do qual ele buscava conhecer como um determinado grupo a representava. Através desse estudo, ele percebeu que, “ao objetivar o conteúdo científico da Psicanálise, a sociedade já não se situa com vistas à Psicanálise ou aos psicanalistas, mas em relação a uma série de fenômenos que ela toma a liberdade de tratar como muito bem entende” (MOSCOVICI, 1978, p. 112).

O processo de ancoragem envolve, para Moscovici, “a integração cognitiva do objeto representado no sistema de pensamento preexistente”, ou seja, “sua inserção orgânica em um repertório de crenças já constituído” (ALVES-MAZZOTI, 2000, p. 60). Nesse sentido, através da ancoragem tornamos familiar o conceito ou objeto representado.

A definição mais direta para Moscovici é que trata-se de um dos processos que geram representações sociais - RS. Moscovici salienta que ancorar é “classificar e dar nome a alguma coisa. Coisas que não são classificadas e que não possuem nome são estranhas, não existentes e ao mesmo tempo ameaçadoras”. (MOSCOVICI, 2003, p. 71). Nessa perspectiva, a Ancoragem é concebida como o processo de transformar algo estranho e perturbador em algo comum, familiar. Isso ocorre quando se é capazes de colocar um objeto estranho em uma determinada categoria e rotulá-lo com um nome conhecido.

Em uma linha de pensamento semelhante, Chamon (2006) pontua que o processo de Ancoragem refere-se ao enraizamento social da representação social, cuja função é realizar a integração cognitiva do objeto representado em um sistema de pensamento preexistente. Assim, os novos elementos de conhecimento são colocados numa rede de categorias mais conhecidas.

De acordo com Chamon, os processos de Objetivação e Ancoragem são complementares. O primeiro busca criar verdades óbvias para todos enquanto o segundo, ao contrário, refere-se à intervenção de determinismos na gênese e transformação dessas verdades. Assim, a Objetivação cria a realidade em si; a Ancoragem lhe dá significação. Moscovici e Chamon concebem a Ancoragem como um sistema de Categorização em que as categorias são socialmente estabelecidas.

A Objetivação, por sua vez, é um mecanismo de tornar a realidade concreta. A imagem torna-se concreta, física, cópia da realidade concebida. Para esclarecer o conceito de Objetivação um bom exemplo é a imagem de Deus (abstrato) codificada em Pai (concreto), apresentada por Moscovici.

A objetivação é o momento em que o abstrato se transforma em concreto, cristalizando as ideias e tornando-as objetivas, ao que Moscovici denomina “face figurativa”. Tal processo permite trazer aquilo que até então inexistia para o universo do conhecido. Esse mecanismo de objetivação ocorre em três fases distintas, conforme apresentado por Jodelet (Apud Sá, 1995). São elas:

- seleção e contextualização: os indivíduos se apropriam do conhecimento por conta de critérios culturais; a partir de experiências e conhecimentos que esse grupo já possui ocorre uma construção seletiva da realidade, porém em uma sociedade nem todos têm acesso às informações, ou ainda podem diferenciar quanto à compreensão das mesmas;
- formação de um núcleo figurativo: o indivíduo recorre a informações e dados que já possui para compreender aquilo que é novo;
- naturalização dos elementos do núcleo figurativo: a partir desse momento, o abstrato se torna concreto, quase que palpável. O conceito está cristalizado e passa a ser considerado como elemento da própria realidade.

De acordo com os autores, a objetivação está ligada a forma como os indivíduos tem acesso ao conhecimento e como esse é por eles absorvido, que de acordo com as suas teorias está baseado nas experiências adquiridas conforme seu contexto social. Saliem ainda que o acesso a informação está cada vez mais presente para um universo maior de pessoas não atingindo a sua totalidade dada as condições adversas de cada organização social. No entanto, as informações são filtradas de forma diferenciada, dessa forma a compreensão ocorre de forma diferenciada entre as pessoas. Ou seja, a mesma informação pode ter realidades diferentes conforme a visão de cada um ou grupo.

## **2.2 O Conhecimento Científico e as Relações Sociais**

O conhecimento científico é uma aquisição intencional, consciente e sistemática, é um processo que chegou ao máximo de seu desenvolvimento com a aplicação do método científico.

De acordo com Lakatos (1995), o conhecimento científico resulta de investigação metódica e sistemática da realidade. Ele transcende os fatos e os fenômenos em si mesmos, analisa para descobrir suas causas e concluir as leis gerais que os regem. Ao considerar a ciência como uma forma de conhecimento que tem por objetivo formular, mediante linguagem rigorosa e apropriada.



É considerado como real, pois lida com ocorrências, fatos, fenômenos concretos e observáveis. Necessita de uma teoria para tornar-se legítimo, de hipóteses para serem testadas e de um método para conduzir a investigação.

O conhecimento científico é caracterizado como Real ou factual Contingente, Sistemático, Falível, aproximadamente exato, Verificável, Racional, Objetivo, Transcendente aos fatos, Analítico “Claro e preciso” “Comunicável” Metódico, “Acumulativo” Geral, Explicativo, Aberto e Útil. Para cada característica dada ao conhecimento científico apresenta-se uma definição que explique a sua atuação.

Para que um conhecimento possa ser considerado científico, faz-se necessário identificar as operações mentais e as técnicas que permitam a sua verificação, ou seja, determinar o método que possibilite chegar ao conhecimento. Assim, Gil (1999), define método científico como um conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento. Lakatos e Marconi (2010) descrevem o desenvolvimento histórico do método relatando que a preocupação em descobrir e explicar a natureza existe desde os primórdios da humanidade.

Dada as características do Conhecimento Científico torna-se relevante descrever cada uma para assim entender a diferenciação diante dos demais tipo de conhecimento:

- a) É racional: - constitui-se de conceitos, juízos e raciocínios, não se valendo de sensações, imagens ou modelos de conduta; - permite que as idéias que o constituem tenham a possibilidade de combinar-se de acordo com um conjunto de regras lógicas, objetivando originar novas idéias; - contém idéias organizadas em sistemas.
- b) É objetivo: - busca concordar com seu objeto; - verifica-se as idéias (hipóteses) são adequadas aos fatos.
- c) Atém-se aos fatos: - tem nos fatos seu ponto de partida e de chegada; - recolhe os fatos tal qual são produzidos ou apresentados na natureza ou na sociedade, de acordo com quadros conceituais ou esquemas de referência; - utiliza-se de dados empíricos.
- d) Transcende aos fatos: - descarta fatos e produz outros, explicando-os; - seleciona os fatos que se consideram relevantes, controlando-os e, quando possível, reproduzindo-os; - não se satisfaz com a descrição das experiências, mas sintetiza-as e compara-as com o que já é conhecido a respeito de outros fatos;
- e) É analítico: - na abordagem de um fato, processo, situação ou fenômeno, decompõe o todo em partes; o procedimento científico de análise leva à síntese;
- f) Requer exatidão e clareza
- g) É comunicável: - sua linguagem deve poder ser entendida por todos os seres humanos instruídos para tal; - sua formulação deve permitir a outros investigadores poderem verificar seus dados e hipóteses; - deve-se considerar como propriedade de toda a humanidade.

- h) É verificável: - é aceito como válido quando passa pela prova da experiência, considerando-se as ciências factuais, ou da demonstração, em se tratando de ciências formais; - o teste das hipóteses é empírico (observacional ou experimental); - devem-se aprovar ou refutar as hipóteses científicas por meio da prova ou da experiência.
- i) Depende da investigação metódica: - é planejado; - fundamenta-se em conhecimento anterior, especialmente em hipóteses já confirmadas, em leis e princípios já constituídos; - obedece a um método preestabelecido, que vem determinar, no processo investigativo, a aplicação de normas e técnicas em etapas definidas com clareza.
- j) É explicativo: - sua finalidade é explicar os fatos em termos de leis e as leis em termos de princípios; - além de buscar saber como são as coisas, procura responder o porquê;
- k) É aberto: - desconhece barreiras limitadoras do conhecimento; - reconhece que a ciência não se constitui em um sistema dogmático e fechado, mas controverso e aberto; - de certo modo, liga-se às circunstâncias de sua época, conforme os instrumentos investigativos de que se dispõe e dos conhecimentos que se acumularam.
- l) É útil: - buscando a verdade, cria ferramentas de observação e experimentação capazes de conferir um entendimento adequado das coisas; - permite uma conexão entre ciência e tecnologia. (Gil, 1999).

Diante do exposto, percebe-se que as características do conhecimento científico explica a diferenciação desse para os demais pesquisados nesse estudo e a sua relação com as representações sociais dada a sua fundamentação embasada real.

### **2.3 Saberes popular e do Cotidiano e as relações sociais**

O Saber popular é de uma riqueza incalculável, é um bem difuso e patrimônio sócio-cultural que se não registrado perde-se com os tempos e deixamos muitas vezes de valorizar ou principalmente de exercitar o saber ouvir e refletir sobre estes ensinamentos.

O saber ou sabedoria popular é o conhecimento que permite discernir qual o melhor caminho a seguir, a melhor atitude a adotar nos diferentes contextos que a vida apresenta a partir do conhecimento próprio e rotineiro do povo.

O ser homem desde que tomou conhecimento de si mesmo como ser no mundo, sente a necessidade de compreender a realidade que o cerca e para os fatos que fazem parte da vida.

A sociedade forma um conjunto de saberes e através desde são capazes de compreender a realidade, formada a partir de opiniões, hábitos e formas de pensamentos aos quais os indivíduos estão ligados.

Essa forma de compreensão da realidade é construída de maneira espontânea, assistemática e fragmentária, tendo como suporte as vivências cotidianas e a necessidade de obter respostas as questões que são formuladas oriundas das vivências cotidianas.

Sendo espontâneo, assistemático e fragmentário, o saber popular possui caráter anônimo, não apresenta autoria. Trata-se de um conjunto de saberes criados e repassados de forma assistemática para as diversas camadas sociais e diferentes gerações, criando um universo cognitivo, valorativo e cultural do senso comum e que constitui a sabedoria popular de um povo.

No entanto, apesar do seu inquestionável valor existencial para os indivíduos que fazem parte dessa sociedade, trata-se de um saber relativamente dogmático, superficial, imediatista e pragmático. Por isso, não há nesse corpo de conhecimento do senso comum a garantia de que ele apresente suficiente grau de bom senso, devendo, portanto, ser submetido a uma análise mais criteriosa da sua origem, da sua história e do seu fundamento.

Na contrapartida do conhecimento popular está o conhecimento científico, que se apresenta com a função de dar explicação para tudo eu é colado pelo homem. Para Melo Neto (2013, p. 138), o conhecimento científico:

[...] por meio de uma cantilena permanente, elege a razão como a única em condição de constituição de um conhecimento capaz de aproximação ao objeto de desejo de se conhecer. Essa ciência daí gerada assume, até certo ponto, uma capacidade mágica de erradicar a ignorância da humanidade, retirando-a das trevas do desconhecimento, elevando-a à condição de progresso.

Ao contrário do que alguns teóricos defendem com veemência, o saber popular não se propõe a assegurar o gerenciamento da humanidade. Todavia, a razão mantém-se como componente essencial da validade de um conhecimento gerador de saber. Muito distante da exigência quantitativa empirista, essa validade se dá pelo reconhecimento intersubjetivo através do falante e do ouvinte. São razões, que vão sendo resgatadas de cada um, quando estão em grupo, tornam-

se posição coletiva. Em nenhum momento, o saber popular ou o saber da tradição foram expressão do não pensamento, mas de um conjunto de pensamentos determinados pelas condições do pensar em cada momento histórico. Nunca se propôs, por si mesmo, a salvar a humanidade, contudo se prestou ao saber viver em cada momento da vida humana e aí está a sua importância.

Partindo do pressuposto de que o estudo das Representações Sociais requer uma articulação entre o consensual e o heterogêneo, entre o coletivo e o individual, convém enfatizar a necessidade de não se perder a referência de que um objeto, para ter representação, deve possuir uma relação importante com a vida humana e o contexto social. Ou seja, deve englobar recursos humanos, psicológicos, biológicos e sociais que estão norteando um tema específico dentro de sua diversidade.

## **2.4 As representações sociais e a construção do senso comum**

A construção do senso comum se constitui, atualmente, em um tema caro às diversas ciências humanas, particularmente à sociologia do conhecimento. O próprio Durkheim, no final do prefácio à segunda edição da obra "As regras do método sociológico", preconizou a importância desse estudo:

(...) O pensamento coletivo global deve ser estudado, tanto na forma como no conteúdo, por si e em si mesmo, na sua especificidade, deixando para o futuro a tarefa de procurar em que medida ele se parece com o pensamento dos particulares (Durkheim, 1973).

De acordo com o autor, o senso comum se mostra como uma forma de conhecimento efetivamente prático, elaborado a partir das ações do cotidiano. Dessa forma, a imagem como modelo de pensamento precisa de padronização, porém não desestruturada. A estrutura sobre a qual se ergue o pensamento comum se caracteriza como estrutura informal, ou seja, uma espécie de estrutura

semilógica e flexível, determinada pelo caráter espontâneo e prático por parte dos indivíduos no uso dos atos de fala e ações sociais no dia a dia.

De acordo com Maia (1997), um dos aspectos defendidos por Moscovici é sobre a existência de um conhecimento chamado de senso comum, que permite explicar determinadas práticas. Tal conhecimento é visto por ele como um conhecimento verdadeiro, e não como um disfuncionamento do conhecimento científico. A grande questão é que esse conhecimento de senso comum, por ser um conhecimento circunscrito, se diferencia do conhecimento científico, que busca a generalização e a operacionalização. Assim, a teoria das Representações Sociais é uma proposta científica de leitura do conhecimento de senso comum e, nesse sentido, preocupa-se com o conteúdo das representações.

Afirmações de Perrusi, com base em Moscovici e Hewstone (1988), onde o senso comum, ou conhecimento sem padronização e sem sistematização, corresponderia a uma forma de pensamento mais natural, próprio dos diálogos da vida cotidiana ou, conforme Habermas diálogos do mundo da vida.

Já para Moscovici, as correlações entre vivência cotidiana e experiência concreta independem de determinações formais (Moscovici e Hewstone, 1988), sendo possível inferir que os atos sociais característicos no senso comum (atos de fala, atos mentais e ação prática independem de determinações estruturalmente elaboradas e delimitadas pela constituição institucional da sociedade). Por essa razão, o senso comum é plural, genérico e pretensamente livre em relação ao pensamento formal. Sendo assim, o pensamento comum é um pensamento popular de primeira mão, que fundamenta o conhecimento na formulação de imagens e experiências práticas.

Diante do exposto percebe-se que as representações sociais não dizem respeito a conhecimentos certos ou errados sobre um objeto. Independente de serem corretos ou equivocados, a construção de conhecimentos do senso comum, por parte dos indivíduos, constitui um processo gerador de ações sociais a partir de visões de mundo, concepções ideológicas e culturais que estão presentes nas relações sociais da vida cotidiana.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Analisar o comportamento humano diante das suas relações sociais é um desafio para o pesquisador, que com base nos teóricos e suas diferentes vertentes, deve construir o entendimento e expor de forma que o leitor e pesquisador possa entender as questões apresentadas.

As representações sociais oferecem aos pesquisadores inúmeras possibilidades de compreensão da realidade social, tanto no campo da produção de conhecimentos quanto no aspecto da intervenção junto aos segmentos sociais. Dentre essas possibilidades, podem ser destacadas: o resgate do conhecimento popular, construído num cotidiano de lutas e trabalho pela sobrevivência; o estreitamento das relações de diálogo entre diferentes sujeitos que participam das intervenções e construções teóricas no campo da pesquisa científica.

Pode-se dizer que o estudo realizado mostrou que a Teoria das Representações Sociais configura-se como um importante instrumento pesquisa científica e compreensão de uma determinada realidade existencial pertinente ao campo das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, uma vez que faz emergir concepções, discursos, reflexões e significados sobre diferentes fenômenos resultantes de experiências e relações concretas vivenciadas pelos sujeitos sociais no cotidiano.

## REFERÊNCIAS

ABRIC, Jean-Claude. **A abordagem estrutural das representações sociais**. In: MOREIRA, Antônia Silva Paredes (org.), OLIVEIRA, Denize Cristina (org). **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia: AB, 2000.

\_\_\_\_\_. **A abordagem estrutural das representações sociais**. In: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. (Orgs.). **Estudos interdisciplinares em representações sociais**. Goiânia: AB Editora, p.27-38, 1998.

\_\_\_\_\_. Prefácio. In: SÁ, C. P. **Núcleo central das representações sociais**. Petrópolis: Vozes, p.7-9, 1996.

ARRUDA, Ângela. **Teoria das representações sociais e teorias do gênero**. **Cadernos de Pesquisa**. Campinas, SP, v.117, p.127-147, 2002.

BETIM. Leozenir Mendes. **Métodos e Técnicas de Pesquisa – ADM**. XVI A e B – 2012.

DURAN, Marília Claret Geraes. **Representações sociais de professores em formação sobre profissão docente.** IN: SOUSA, Clarilza P. de; PARDAL, Luís A; VILLAS BÔAS, Lúcia P. S. **Representações sociais sobre o trabalho docente.** Aveiro: Universidade de Aveiro, 2006. p.91- 106.

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico.** In: Durkheim, vida e obra (Os pensadores). São Paulo, SP: Abril Cultural, 1973, p. 382.

HABERMAS, J. **Teoria de la accion comunicativa: critica de la razón funcionalista.** Tomo II. Madrid: Taurus, 1987

JODELET, D. **Representações sociais: um domínio em expansão.** In: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais.** Rio de Janeiro: EDUERJ, p.17-44, 2001.

\_\_\_\_\_. **Loucuras e representações sociais.** Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M. de A. **Metodologia Científica.** 2ed. São Paulo: ATLAS 1995. p. 13 – 17

\_\_\_\_\_. **O textos conceituam e contextualizam os métodos científicos existentes para o desenvolvimento da pesquisa científica.** 7º Edição. São Paulo: 2010. Atlas.

MAZZOTTI, Alda Judith Alves. **Representações sociais: aspectos teóricos e aplicações à educação.** Brasília, ano 14, n.61, jan./mar. 1994.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social.** Trad. Pedrinho A. Guareschi. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. 404 p.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise.** Tradução de Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

\_\_\_\_\_. **Representações Sociais: investigação em psicologia social.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MOSCOVICI, S. & HEWSTONE, M. **De la ciência al sentido comum.** In: **Moscovici, S. (org.) Psicologia social II.** Barcelona: Paidós, 1988.

PERRUSI, A. F. de A. **Imagem da loucura: representação social da doença mental na psiquiatria.** São Paulo, SP/ Recife, PE: Cortez/ Ed. Universitária, 1995, p. 100. 5. Idem. 6.

SÁ, Celso Pereira. **Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria.** SPINK, Mary Jane P. (org). **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social.** São Paulo: Brasiliense, 1995.

SÁ, C. P. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais.** Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

SANTOS, Boaventura Sousa. **Um discurso sobre as ciências.** Porto: Edições Afrontamento, 15. ed. 2006.



## A IMPORTÂNCIA DA PSICOLOGIA EDUCACIONAL NO APRENDIZADO EM CURSOS SUPERIORES, ENFATIZANDO O CURSO DE ADMINISTRAÇÃO

Robson Carvalho<sup>3</sup>

### RESUMO

O artigo apresenta uma análise sobre elementos históricos da relação entre Psicologia educacional e a importância do seu aprendizado em cursos superiores, enfatizando o curso de administração, procurando identificar sua dimensão prática e teórica e os fundamentos que subsidiam essa prática, assim como a produção intelectual decorrente do conhecimento adquirido e que contribuem para a formação profissional. Apresenta na oportunidade limites e dificuldades presentes nesse processo. Para entender melhor a Psicologia Educacional, mostra uma breve história das relações entre psicologia e educação no Brasil e um ensaio sobre os compromissos e as perspectivas colocadas para a construção de uma Psicologia Educacional comprometida socialmente com os interesses da maioria da população. Tem por objetivo, evidenciar o ensino de psicologia nos cursos superiores e a contribuição das disciplinas de Psicologia para a formação de diferentes profissionais tem gerado, em sua trajetória, muitos questionamentos. Ao realizar esta problematização, acredita-se estar contribuindo para a emergência da discussão sobre o ensino de psicologia nos diversos cursos, assunto que precisa ser debatido pelo conjunto de atores envolvidos nos contextos de ensino aprendizagem que buscam, nos conhecimentos psicológicos, contribuições para a formação de seus profissionais. Justifica-se o interesse pelo tema a necessidade em aprofundar conhecimentos no assunto esperando que este contribua para a formação profissional e que sirva de elemento para pesquisa. Os procedimentos metodológicos foram voltados à pesquisa bibliográfica, buscando fundamentar o objetivo com base em ideias de diferentes autores que discutem e evidenciam a importância da Psicologia educacional na formação superior.

Palavras-Chave: Psicologia. Educacional. Cursos Superiores. Formação.

### ABSTRACT

---

<sup>3</sup> Doutorando em Psicologia, Mestre em Administração, Pós Graduação MBA em Gestão Empresarial, Pós Graduação MBA Recursos Humanos, Pós Graduação Didática e Metodologia do Ensino Superior,, Pós Graduação Gestão Escolar, Pós Graduação Pedagogia Empresarial. Bacharel em Administração e Tecnólogo em Processos Gerenciais.

The article presents an analysis of historical elements of the relationship between educational psychology and the importance of their learning in higher education, emphasizing the course of administration, seeking to identify their practical and theoretical dimension and the foundations that support this practice, as well as intellectual production due the acquired knowledge and contribute to the training. It presents the limits opportunity and present difficulties in this process. To better understand the Educational Psychology, shows a brief history of the relationship between psychology and education in Brazil and an essay on the commitments and prospects placed for the construction of an Educational Psychology socially committed to the interests of the majority of the population. Aims, highlight the psychology of teaching in higher education and the contribution of Psychology disciplines to the formation of different professionals has generated in its history, many questions. By doing this questioning, is believed to be contributing to the emergence of the discussion of the psychology of education in several courses, an issue that must be debated by all the actors involved in teaching and learning contexts seeking in psychological knowledge, contributions to the formation of its professionals. Justified interest in the topic the need to deepen knowledge on the subject hoping that this will contribute to the training and to serve as a member on our database. The methodological procedures were focused on literature, seeking support order based on ideas of different authors who discuss and highlight the importance of educational psychology at higher education.

Keywords: Psychology. Educational. Colleges. Formation.

## 1. INTRODUÇÃO

As Disciplinas de Psicologia têm estado presentes em cursos tecnológicos, nos bacharelados e nas licenciaturas em diferentes áreas de conhecimento. Embora presente em diversos cursos, a psicologia tem sido pouco debatida pela comunidade de psicólogos. É na direção de aproximação do cenário do ensino de psicologia nos outros cursos e nas preocupações que envolvem o ensino de psicologia como um todo que este artigo é proposto, buscando problematizar os desafios que a presença da psicologia suscita nesses cenários.

A contribuição da Psicologia para a formação de diferentes profissionais tem gerado, em sua trajetória, questionamentos sobre como deve ser abordada nos diversos cursos. Estudos têm mostrado (SANTOS; RODRIGUES, 2007; IAOCHITE; NOGUEIRA; AZZI; SADALLA, 2004; AZZI; BATISTA; SADALLA, 2000; AZZI; SADALLA, 2002, LAROCCA, 1999;), mesmo que para outros níveis de ensino, que tanto o conteúdo quanto a forma de abordá-lo adquirem contornos diferentes no ensino de psicologia. O Dossiê<sup>1</sup> “Diálogos sobre a Docência em Psicologia”, publicado recentemente, conta com artigos que discutem os desafios do ensino de psicologia em diferentes áreas e níveis de ensino.

O objetivo proposto para este artigo é problematizar as condições em que o ensino de psicologia ocorre nos cursos superiores que não de Psicologia. Ao realizar esta problematização, acreditamos estar contribuindo para a emergência da discussão sobre o ensino de psicologia nos diversos cursos, assunto que precisa ser debatido pelo conjunto de atores envolvidos nos contextos de ensino-aprendizagem que buscam, nos conhecimentos psicológicos, contribuições para a formação de seus profissionais.

Verifica-se, assim, que a Psicologia está chegando a muitos cursos de formação e chegando antes da própria definição do que contemplar enquanto bojo teórico e prático, pois os professores são de formações diferenciadas, não necessariamente bacharéis em psicologia e, portanto, com diferentes olhares para a questão.

O interesse pelo justifica-se pela necessidade em aprofundar conhecimentos no assunto esperando que este contribua para a formação profissional e que sirva de elemento para pesquisa. A metodologia é pesquisa bibliográfica.

## 2. A PSICOLOGIA EDUCACIONAL E SEU FUNCIONAMENTO

### 2.1 Breve histórico da Psicologia no Brasil

A história da Psicologia Escolar e Educacional no Brasil pode ser identificada desde os tempos coloniais, quando preocupações com a educação e a pedagogia traziam em seu bojo elaborações sobre o fenômeno psicológico. Massimi (1986; 1990), ao estudar obras produzidas no período colonial, no âmbito da filosofia, moral, educação e medicina, entre outras, identifica temas como: aprendizagem, desenvolvimento, função da família, motivação, papel dos jogos, controle e manipulação do comportamento, formação da personalidade, educação dos indígenas e da mulher, entre outros temas que, mais tarde, tornaram-se objetos de estudo ou campos de ação da psicologia.

A Psicologia Educacional pode ser descrita como uma subárea da psicologia que é considerada uma área de conhecimento a qual entendemos como corpus sistemático e organizado de saberes científicos, produzidos de acordo com procedimentos definidos, referentes à determinados fenômenos ou conjunto de fenômenos constituintes da realidade, fundamentado em questões ontológicas, epistemológicas, metodológicas e éticas determinadas. É importante considerarmos as diversas concepções, abordagens e teorias que constituem esta área de conhecimento. (Antunes (2007 apud BARBOSA 2012 p. 163 – 173).

A Psicologia Escolar e Educacional na construção de políticas públicas de educação está comprometida socialmente com as classes populares; com questões e perspectivas colocadas para a área de conhecimento e campo de atuação. A educação é constituída por múltiplos determinantes, dentre os quais os fatores de ordem psicológica; portanto, a psicologia tem contribuição para a Educação.

A psicologia é capaz de compreender o processo ensino-aprendizagem e sua articulação com o desenvolvimento, fundamentada na concreticidade humana (determinações sócio-históricas), compreendida a partir das categorias totalidade, contradição, mediação e superação. Deve fornecer categorias teóricas e conceitos que permitam a compreensão dos processos psicológicos que constituem o sujeito do processo educativo e são necessários para a efetivação da ação pedagógica.

A psicologia deve assumir seu lugar como um dos fundamentos da educação e da prática pedagógica, contribuindo para a compreensão dos fatores presentes no processo educativo a partir de mediações teóricas "fortes", com garantia de estabelecimento de relação indissolúvel entre teoria e prática pedagógica cotidiana. Esta psicologia deve propiciar a compreensão do educando a partir da perspectiva de classe e em suas condições concretas de vida, condição necessária para se construir uma prática pedagógica realmente inclusiva e transformadora.

A psicologia como um dos fundamentos do processo formativo do educador deve propiciar o reconhecimento do educador/professor como sujeito do processo educativo, traduzindo-se na necessidade de mudanças profundas das políticas de formação inicial e continuada desse protagonista fundamental da educação.

A ação do psicólogo escolar deve pautar-se no domínio do referencial teórico da psicologia necessário à educação, mediatizado necessariamente por conhecimentos que são próprios do campo educativo e das áreas de conhecimento correlatas. O próprio referencial teórico que aqui defendemos implica o trânsito por outros saberes (totalidade). Daí, a necessidade de superação das práticas tradicionais do psicólogo escolar, muitas vezes pautadas ainda numa perspectiva, nem sempre consciente ou assumida, de ação clínico-terapêutica.

Em outras palavras, afirmamos uma psicologia escolar comprometida radicalmente com a educação das classes populares, que supere o modelo clínico-terapêutico disfarçado e dissimulado ainda presente na representação que o psicólogo tem de sua própria ação, entendendo que a representação e, conseqüentemente, as expectativas que os demais profissionais da educação têm da psicologia só serão superadas pela própria prática do psicólogo escolar.

O campo da Psicologia Educacional foi criado por grandes estudiosos e pioneiros da Psicologia no final do século IX. Os três principais pioneiros de destaque no início da história da Psicologia Educacional são Willian James, John Dewey e Edward Lee Thorndike. James lançou um livro intitulado Principles of Psychology e ministrou diversas palestras através de uma série intitulada Talks to Teacher, em que discutia as aplicações da psicologia na educação de crianças, argumentando que os experimentos laboratoriais em psicologia muitas vezes não conseguem nos dizer, de maneira eficiente, como ensinar as crianças. Enfatizou ainda a importância de se observar o processo de ensino/aprendizagem em sala de aula para aprimorar a educação, trazendo como recomendação que os professores iniciem as aulas em um ponto além do nível de conhecimento e compreensão da criança a fim de desenvolver a mente delas (SANTROCK, 2010).

Mudanças efetivas só ocorrerão a partir do envolvimento do psicólogo com as questões concretas da educação e da prática pedagógica; é necessário superar o preconceito de não querer tornar-se "pedagogo".

O psicólogo não é pedagogo, mas se quiser trabalhar com educação terá que mergulhar nessa realidade como alguém que faz parte dela, reconhecendo-se como portador de um conhecimento que pode e deve ser socializado com os demais educadores, tanto no trabalho interdisciplinar, como na formação de educadores, sobretudo professores; que detém um saber que pode contribuir com os processos sócio-institucionais da escola; tem um conhecimento específico que pode e deve reconhecer o que é próprio de sua formação profissional, e, ousado afirmar, algumas vezes inclusive de caráter clínico-terapêutico, voltado para casos individuais; possui ou pode desenvolver conhecimentos importantes para a gestão de sistemas e redes de ensino, sobretudo no âmbito de diagnósticos educacionais (avaliação institucional, docente, discente etc.) e na intervenção sobre tais resultados.

## 2.2 A psicologia Educacional

Cada vez mais presente nos cursos superiores, a Psicologia tem por finalidade contribuir para o conhecimento humano, fazendo com esse possa descobrir-se e aprenda a lidar com outro compreendendo as diferenças.

A Psicologia Educacional pode ser considerada como uma sub-área da psicologia, o que pressupõe esta última como área de conhecimento. Entende-se área de conhecimento como *corpus* sistemático e organizado de saberes produzidos de acordo com procedimentos definidos, referentes a determinados fenômenos ou conjunto de fenômenos constituintes da realidade, fundamentado em concepções ontológicas, epistemológicas, metodológicas e éticas determinadas.

A psicologia é o estudo científico do comportamento e dos processos mentais. A Psicologia Educacional é o ramo da psicologia dedicado à compreensão do ensino e da aprendizagem no ambiente educacional". Temos então uma área muito abrangente que quando descrita em seus mínimos detalhes pode nos render um livro com milhares de páginas. Santrock (2010, p. 2).

Faz-se necessário, porém, considerar a diversidade de concepções, abordagens e sistemas teóricos que compõem o conhecimento, particularmente no âmbito das ciências humanas, das quais a psicologia faz parte. Assim, a psicologia da educação pode ser entendida como sub-área de conhecimento, que tem como vocação a produção de saberes relativos ao fenômeno psicológico constituinte do processo educativo. Assim pode-se afirmar que a Psicologia da Educação ou Psicologia Educacional é uma subárea de conhecimento, que tem como vocação a produção de saberes relativos aos fenômenos psicológicos constituinte do processo educativo.

Diferentemente da Psicologia da Educação/Educacional, a Psicologia Escolar é definida pelo âmbito profissional com um campo de ação determinado, ou seja, é a escola e as relações que aí se estabelecem; baseia sua atuação nos fundamentos teóricos adquiridos através da Psicologia da Educação e por outras subáreas da psicologia necessárias para o desenvolvimento das atividades (ANTUNES 2007, apud BARBOSA, 2012 p. 163 – 173).

A Psicologia Escolar, diferentemente, define-se pelo âmbito profissional e refere-se a um campo de ação determinado, isto é, o processo de escolarização, tendo por objeto a escola e as relações que aí se estabelecem; fundamenta sua atuação nos conhecimentos produzidos pela psicologia da educação, por outras sub-áreas da psicologia e por outras áreas de conhecimento.

Thorndike, outro precursor da Psicologia Educacional enfocou a avaliação e a mediação e promoveu os princípios básicos e científicos da aprendizagem. Argumentou que uma das tarefas mais importantes da escola é a de desenvolver as habilidades de raciocínio das crianças, se diferenciando ao fazer estudos científicos aprofundados e precisos sobre o ensino e aprendizagem (BEATTY, 1998 apud SANTROCK 2010, p. 3). Promoveu também a ideia de que a Psicologia Educacional deve ter uma base científica e deve focar principalmente a mediação. (O'DONNELL e LEVIN 2001 apud SANTROCK 2010, p.3).

Deve-se, pois, sublinhar que psicologia educacional e psicologia escolar são intrinsecamente relacionadas, mas não são idênticas, nem podem reduzir-se uma à outra, guardando cada qual sua autonomia relativa. A primeira é uma *área de conhecimento* (ou sub-área) e, grosso modo, tem por finalidade produzir saberes sobre o fenômeno psicológico no processo educativo. A outra constitui-se

como *campo de atuação profissional*, realizando intervenções no espaço escolar ou a ele relacionado, tendo como foco o fenômeno psicológico, fundamentada em saberes produzidos, não só, mas principalmente, pela sub-área da psicologia, a psicologia da educação.

### **3. O ENSINO SUPERIOR NO BRASIL**

#### **3.1 As Universidades públicas e privadas**

Nos cursos superiores em suas diferentes modalidades, com a finalidade de despertar o conhecimento do indivíduo sobre si e o outro, agregam a disciplina de Psicologia Educacional. A disciplina se faz presente e contribui de forma significativa para a formação profissional, esclarecendo sobre o sentido da compreensão humana.

As universidades públicas federais surgiram antes da década de 1970. Em 2000, havia 39 IFES em todos os estados brasileiros. As IFES são, atualmente, consideradas multifuncionais, mesmo com diferenças entre elas. Desenvolvem atividades de ensino e extensão, além de, principalmente, estarem concentrando parte substancial da capacidade de pesquisa instalada no país.

As universidades públicas estaduais cresceram significativamente após os anos 80. O estado de São Paulo criou, na década de 1930, um sistema de instituições, próprio, com grande autonomia diante do poder federal. As universidades estaduais paulistas concentram parcela significativa da pesquisa e da pós-graduação do país, especialmente no nível de doutorado.

As universidades públicas ocupam posição fundamental no cenário acadêmico nacional, detendo papel estratégico no processo de desenvolvimento científico e tecnológico do país. Certamente, existem diferenças quanto ao formato institucional, à vocação acadêmica, às demandas e às expectativas profissionais.

O que se percebe, é que a Disciplina de psicologia educacional, muitas vezes tem um formato próprio, voltada ao esclarecimento da pessoa sobre como lidar com fator humano, enfrentando desafios e procurando resolver os problemas que surgem na sua trajetória. Os conteúdos não se destinam especificamente na maioria dos cursos a formação ao qual se destina.



A discussão em torno da importância da Psicologia em Cursos superiores se dá, na tentativa de identificar até que ponto esta contribui para a formação profissional, esclarecendo os questionamentos que surgem em cada grupo de formação. Os públicos são bastante diferenciados de acordo com formação destinada, e requer um direcionamento diferenciado para lidar com cada um.

#### **4. O ESTUDO DA PSICOLOGIA NA FORMAÇÃO DO ADMINISTRADOR**

O curso de Administração se divide em diferentes modalidades, destinada a Administração de Empresas, Recursos Humanos, Marketing. Todos voltados a gestão de pessoas, para gerir pessoas é necessário ter conhecimento dos diferentes comportamentos humanos e a Psicologia tem grande contribuição nesse sentido, sendo em muitos momentos indispensável. Por esse motivo, a Psicologia Educacional nos cursos superiores e em especial no curso de administração são de grande importância. Contribuindo para o que o profissional aprenda a lidar com o fator humano.

A Administração de Empresas é uma das ciências com mais complexidade em questão a aprendizagem, ela envolve diversos ramos de conhecimento, assim como matemática, estatísticas, filosofia, economia, psicologia, tecnologia, marketing, direito, entre muitas outras áreas.

Ainda na ciência Administração de Empresas, porém focando para o estudo da Psicologia, podemos perceber a ampla dimensão desta área em questão a prática de gestão organizacional. Para entendermos melhor, segundo VENDRUSCOLO, Elaine (2005):

"Psicologia é a Ciência que estuda as ideias, as determinações e sentimentos, cujo conjunto forma o espírito do homem, tratado sobre a alma e as faculdades intelectuais e morais, o objeto de estudo da Psicologia é o HOMEM". A questão é qual a relevância do estudo da psicologia na formação do administrador?

Um psicólogo precisa aprender a lidar com um fenômeno mais amplo, o comportamento dos organismos em qualquer contexto em que ele ocorra, enquanto um administrador de empresas necessita aprender a lidar com o comportamento

humano em um contexto específico, administração é também a ciência das relações humanas e não apenas estabelece técnicas, normas, procedimentos e funções cuja finalidade é ordenar os fatores de produção de modo a aumentar sua eficiência alocando-os sob princípios de racionalidade. Um motivo importante para se dominar alguns conceitos e ideias da psicologia, já que as empresas são formadas por pessoas, e as pessoas possuem comportamentos, na qual o administrador convive em seu cotidiano e precisa conhecer, e saber lidar.

Neste contexto o administrador consegue utilizar a psicologia de diversas formas a fim de enquadrá-la como benefício para a organização. Precisa saber e entender sobre as pessoas, o que elas sentem e como elas agem. Entender o Comportamento dos seus colaboradores é visualizar a organização e suas implicações no futuro, uma vez que o futuro da mesma está em seus funcionários e em uma ótima administração por parte de seus responsáveis.

Criar estratégias na qual, recrute o melhor candidato para a vaga é uma das formas de utilizar a psicologia, a fim de analisar o comportamento do indivíduo que obtiver os melhores e mais elevados índices de aptidões e capacidade. O administrador deverá conhecer inteligência, aptidão, interesse, personalidade e bom conhecimento de técnicas, para que escolha o candidato com melhores probabilidades de ingressarem com sucesso num grupo operacional. Outro fato importante é que com ela podemos equilibrar os interesses da organização, com os interesses individuais dos colaboradores, buscando a qualidade de vida no meio organizacional.

Segundo MASLOW, há cinco necessidades fundamentais para a satisfação humana: "Necessidade de auto-realização. Necessidade de respeito/reconhecimento. Necessidade de aceitação e afeto. Necessidade de segurança. Necessidades fisiológicas."

Embora também aponte que o ser humano nunca está 100% satisfeito. Com isso criou-se dentro da empresa o Ciclo Motivacional, na qual o Administrador precisa criar um clima empresarial saudável, sem insatisfação, incentivando e motivando o funcionário. Avaliando cargos, salários e benefícios, fornecendo atendimento individual e em grupo para seus funcionários, a fim de satisfazer suas necessidades profissionais e evitar futuros conflitos dentro do ambiente de trabalho.

Em questão a gestão de produção, a psicologia tem muito peso, já que pesquisas apontam os maiores índices de absenteísmo e desistência. Saber lidar com a baixa produtividade de seus funcionários é algo importante para o líder, pois alivia a pressão para com o grupo. Criar programas de controle ao stress, prevenção de acidentes e lesões por esforço, também cabe ao administrador, quando a empresa não possui um profissional responsável pela área.

A Ergonomia também faz parte de um conceito à psicologia, pois é uma ciência com a base as informações sobre as dimensões e os movimentos do corpo humano. Ela procura os dados de condições de trabalho que podem ser prejudiciais ao organismo humano. De forma a possibilitar o conhecimento e o estudo completo do sistema homem-máquina-ambiente de trabalho visando, principalmente, a uma melhor adequação do trabalho ao homem. Ela reduz o cansaço do funcionário, a possibilidade de erros, os acidentes de trabalho, as ausências ao trabalho. E aumenta o conforto do trabalhador, produtividade, a rentabilidade. Técnica utilizada para motivar e proporcionar melhores condições de trabalho ao homem e ao mesmo tempo aumentar a eficiência.

Cada ano que se passa a Administração fica mais complexa pois os costumes das pessoas estão mudando, e o bom administrador não pode ficar para trás é preciso que ele saiba e entenda sobre as pessoas sobre o que elas sentem e como elas agem, e para isso é preciso que ele se interaja com uma ciência muito importante para isso; a Psicologia. PSIQUE - Alma, Vida. PSICO - Termo de composição que se emprega a fim de indicar a ideia de mente, espírito, alma. LOGOS - Estudo, teoria. PSICOLOGIA: Psico + logia.

Ciência que estuda as ideias, as determinações e sentimentos, cujo conjunto forma o espírito do homem; ciência dos fatos da consciência e de suas leis; tratado sobre a alma e as faculdades intelectuais e morais. No sentido mais amplo, o objeto de estudo da Psicologia é o HOMEM. Portanto uma ciência q se estuda o homem é de fundamental importância para a Administração e para o seu bom funcionamento uma vez que as organizações são formadas de pessoas e para pessoas. COMPORTAMENTO: O termo Comportamento vem de: com - PORT - a - mento.

O termo PORT, que deu origem também à palavra porto, significa levar, conduzir daí com - PORT - ar, exportar, transportar. Logo, o que leva uma pessoa

a agir é com - PORT - a - mento, ou melhor, você leva (carrega) com você modos de agir que se expressam em situações de estímulo. **COMPORTAMENTO:** São as respostas de uma pessoa ou de um animal diante de uma situação.

A Psicologia estuda muito o comportamento do Homem, onde é fundamental para um bom administrador onde ele precisa lidar com pessoas toda à hora, entender o comportamento dos seus colaboradores é visualizar a organização e suas implicações no futuro uma vez q o futuro dessa esta em seus funcionários e em uma ótima administração por parte de seus responsáveis.

## **CONSIDERAÇÕES**

O estudo possibilitou uma análise acerca da importância da psicologia educacional no aprendizado em cursos superiores, enfatizando o curso de administração. A Psicologia da Educação pertence ao quadro de disciplinas pedagógicas dos cursos de licenciaturas e bacharelado, dentre outras finalidades, deve oferecer suporte teórico e prático sobre as teorias da aprendizagem, desenvolvimento humano, aspectos psicológicos influentes no processo e no relacionamento interpessoal, bem como a subjetividade humana no contexto educacional em cursos superiores.

Reinteirando a sua importância e o seu surgimento, Guedes (2002) aponta que, por volta de 1960, à disciplina Psicologia da Educação, juntamente com outras pedagógicas, passa a ser requisito obrigatório nas grades curriculares dos cursos superiores e de licenciatura do Brasil e, até então, embora não mais citada na legislação como obrigatória, faz parte das formações profissionais.

Nesse contexto, a psicologia da educação surge com a finalidade de possibilitar a educadores e educandos os conhecimentos sobre desenvolvimento humano, incluindo as questões físicas/psicológicas e o processo de ensino e aprendizagem.

Considera-se que a área da Psicologia da Educação possui contribuições significativas à educação, as quais devem ser refletidas nas disciplinas que lhe são correspondentes, a psicologia da educação, psicologia da aprendizagem, entre

outras nomenclaturas que tem contextualizado seus conceitos com a realidade da atuação nesse nível de ensino.

Nesse sentido, justificou-se a necessidade de investigar como a disciplina tem sido cursada pelos cursos superiores, analisando se tem possibilitado o enfoque na realidade do ambiente de atuação dos futuros profissionais, considerando a relação sociedade/educação na qual se está inserido.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, M. A. M. **A Psicologia no Brasil: leitura histórica de sua constituição**. São Paulo, EDUC e Ed. Unimarco, 2003.

\_\_\_\_\_. **História da psicologia brasileira**. São Paulo, EPU, 1990.

AZZI, R. G.; BATISTA, S. H. de.; SADALLA, A. M. F. de A. (orgs.). **Formação de professores: discutindo o ensino de psicologia**. Campinas, SP: Alínea, 2000.

\_\_\_\_\_.; SADALLA, A. M. F. de A. (orgs.). **Psicologia e formação docente**. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2002.

GUEDES, Neide, C. **A construção dos conceitos de formação profissional e prática pedagógica**. Teresina: EDUFPI, 2002.

IAOCHITE, T. R.; NOGUEIRA, W. de A.; AZZI, R.; SADALLA, A. M. F. A. **Contribuições da Psicologia para a formação**. Motriz, Rio Claro, v.10, n.3, p.153-158, set./dez. 2004. Disponível em <http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/10n3/08RIT.pdf> < Acessado em 23 de abril de 2007 >

LAROCCA, P. **Psicologia na formação docente**. Campinas, SP: Alínea, 1999 e 2001.

\_\_\_\_\_. **O ensino de psicologia no espaço das licenciaturas**. ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v. 8, n.2, p.295-306, jun. 2007.

MASSIMI, M. **As origens da psicologia brasileira em obras do período colonial**, in: **História da Psicologia**. São Paulo, EDUC, Série Cadernos PUC-SP, n. 23, 1987, pp. 95-117

MEIRA, M. E. M. e ANTUNES, M. A. M. **Psicologia escolar: teorias críticas**. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2003.

\_\_\_\_\_. **Psicologia escolar: práticas críticas**. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2003.

MENEZES. Robson Carvalho de, **A Importância da Gestão de Pessoas para o Desenvolvimento das Organizações**. Artigo apresentado à Faculdade São Luís de França para a obtenção do grau de Especialista em MBA em Gestão de Recursos Humanos.

MENEZES. Robson Carvalho de, **A Psicologia Aplicada à Educação**. Artigo apresentado à Faculdade São Luís de França para a obtenção do grau de especialista em Didática e Metodologia do Ensino Superior.

*ILETTI, Nelson. **Psicologia Educacional***. São Paulo: Ática, 1999.

### **MÍDIAS ELETRÔNICAS**

<http://www.webartigos.com/artigos/o-estudo-da-psicologia-na-formacao-do-administrador/70605/#ixzz3f4kSt6Bq>.

PORTAL EDUCAÇÃO - Cursos Online: Mais de 1000 cursos online com certificado

<http://www.portaleducacao.com.br/educacao/artigos/37945/psicologia-da-educacao-conceitos-objetivos-funcoes-e-finalidades#!3#ixzz3fJkWCiWG>.